

Gesto e palavra: As concepções de René Spitz sobre a aquisição da linguagem

Gesture and Word: René Spitz's Views on the Acquisition of Language

Michelle Vianna Goliath*
Richard Theisen Simanke**

Resumo: René Spitz (1887-1974), psiquiatra e psicanalista austro-húngaro, desenvolveu uma teoria da formação do ego que se inicia no nascimento do indivíduo e culmina na aquisição da linguagem. Diferentemente de muitas teorias de aquisição da linguagem na psicanálise da época (1950-1970), o trabalho de Spitz enfatiza o papel do corpo e privilegia uma abordagem interdisciplinar. Este artigo é um estudo histórico-conceitual, cujo objetivo é analisar o processo de aquisição da linguagem tal como descrito por Spitz e explicar os mecanismos e conceitos utilizados pelo autor para formular sua teoria.

Palavras-chave: Linguagem; Relação mãe-bebê; Desenvolvimento infantil; René Spitz; História da psicanálise.

Abstract: René Spitz (1887-1974), an Austro-Hungarian psychiatrist and psychoanalyst, developed a theory of ego formation that begins at birth and culminates in language acquisition. Unlike most language acquisition theories in psychoanalysis at the time (1950-1970), Spitz emphasized the role played by the body and favored an interdisciplinary approach. This article is a historical-conceptual study, whose objective is to analyze the process of language acquisition as described by Spitz and explain the mechanisms and concepts employed to formulate his theory.

Key-Words: Language; Mother-child Relationship; Child Development; René Spitz; History of Psychoanalysis.

1. Introdução

O processo de aquisição da linguagem – ou melhor, da comunicação verbal e da correta utilização de seus signos, todo o desenvolvimento necessário para essa capacidade e os efeitos dessa reorganização –, conforme o formulou René Spitz, é o foco deste artigo. René Spitz (1887-1974) foi um psiquiatra e psicanalista austro-húngaro, estudioso do desenvolvimento infantil. O autor publicou numerosos livros e artigos sobre o tema, empregando métodos bastante distintos de outros psicanalistas da época, tais como experimentos, testes de desenvolvimento e de personalidade e entrevistas sistematizadas, entre outros (Goliath & Simanke, 2022).

* Doutoranda e Mestre na linha de História e Filosofia da Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Psicóloga pela mesma instituição. E-mail: michellegoliath@hotmail.com.

** Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da mesma instituição. E-mail: richardsimananke@uol.com.br.

Spitz pertencia à escola da Psicologia do Ego, compartilhando conceitos fundamentais e noções sobre marcos desenvolvimentais com outros autores da linha (como Anna Freud, Heinz Hartmann, Ernst Kris e Rudolph Loewenstein), aos quais se referia e elogiava constantemente (Goliath & Simanke, 2023). Os autores da Psicologia do Ego tinham como ponto de partida o texto “O Ego e o Id” (Freud, 1923) e acreditavam que o ego era consolidado a partir das experiências de cuidado oferecido pela mãe (Palombo et al., 2009). O ego era, ainda, indissociável do corpo e essencialmente um órgão psíquico voltado para a adaptação ao meio (Hartmann, 1968). Todos estes princípios são peças fundamentais dos trabalhos de Spitz.

A comunicação verbal, ou fala, é a pedra angular da psicanálise. É a base do trabalho clínico e, a partir dela, foi possível todo o desenvolvimento teórico da psicanálise como disciplina. Sendo assim, pode-se considerar a investigação realizada por Spitz sobre o surgimento da comunicação verbal e da linguagem em geral, tanto no sujeito indivíduo quanto na espécie, não apenas parte essencial da história da psicanálise, mas também uma contribuição imprescindível para o progresso do conhecimento psicanalítico.

2. Método

Com o objetivo de explicitar a teoria da aquisição da linguagem de René Spitz, foram selecionados os trabalhos do autor que tratam mais diretamente do tema (Spitz, 1950, 1957/1998, 1958, 1959/1979, 1963/1983, 1965, 1965/2004; Polak et al., 1964). Seguindo o modelo proposto por Laurenti, Lopes e Araújo (2016) para pesquisas históricas em psicologia, foram identificados os conceitos principais da teoria, com destaque para os seguintes termos: “diálogo”, “fuçamento” (*rooting*), “mudança de função” e “aquisição da linguagem” (ou “início da comunicação verbal”).

3. Etiologia da Comunicação Humana

Spitz considera que a comunicação não pode estar limitada a uma troca recíproca e deliberada de sinais, pois, ainda que a emissão de um sinal não seja intencional, algo pode ser, ainda assim, comunicado através dele (1957/1998). Esse é o caso, particularmente, dos bebês. Os adultos percebem alterações no comportamento dos bebês que comunicam alguma coisa: que o bebê está desconfortável, com fome, com sede, quer colo, ou simplesmente que algo o incomoda. Assim, a comunicação entre mãe ou cuidador primário e o bebê se dá desde o primeiro dia de vida. Essa comunicação é considerada por Spitz como uma modalidade de diálogo.

Diálogo, no sentido comum da palavra, pode se referir a uma conversa significativa ou troca. O *diálogo* de Spitz guarda algo dessa definição, mas acrescenta um novo elemento. Tal diálogo acontece dentro da díade constituída pela relação entre a mãe e o bebê. Ele consiste num ciclo de ação e resposta que se repete de maneira circular: em toda interação surgem cargas emotivas diferentes, que se somam e abrem espaço para interações cada vez mais complexas. Além da carga emotiva, acumulam-se traços de memória que modificam e enriquecem o próximo ciclo de diálogo. Pode ser que as ações maternas e as do bebê estejam direcionadas a certos fins, porém esse direcionamento também pode estar ausente, uma vez que o processo acontece desde o início da vida (Spitz, 1963/1983), quando o comportamento é mais instintivo do que aprendido.

O estabelecimento de outras relações por parte do bebê – não só com outras pessoas, mas também relações imaginadas e ou envolvendo brinquedos e objetos, dependem do sucesso do diálogo dentro da díade. A boa relação com a mãe ou cuidador primário é a base para todas as outras: “*não há nada no intelecto que não esteja primeiro nos sentidos*”, diz Spitz (1963/1983, p. 159), retomando o famoso adágio escolástico. O diálogo mãe-bebê carrega todos os elementos contidos em diálogos completos: ambas as partes fazem afirmações e réplicas, argumentam e fazem concessões, de modo a chegarem a termos aceitáveis para o dois. Por fim, o resultado de cada diálogo é uma síntese (Spitz, 1963/1983).

Apesar de ser um agente nos ciclos de diálogo, o bebê não emite respostas intencionais aos estímulos. Na verdade, a estimulação externa desencadeia no bebê processos dos quais o choro, por exemplo, é um indicativo: “Gostaria de enfatizar que é apenas no sentido de um indicador que o comportamento do recém-nascido pode ser considerado uma comunicação; mas como nos comunica alguma coisa, podemos utilizar esse comportamento como ponto de partida da nossa investigação” (Spitz, 1957/1998, p. 6).

Nas trocas com a mãe que ocorrem a partir do terceiro trimestre do primeiro ano de vida, dá-se a assim chamada *identificação gestual precoce*, expressão que teria sido cunhada por Berta Bornstein¹. Nesse tipo de identificação, o bebê imita diretamente os gestos do objeto de amor. Assim, o infante incorpora as ações do adulto e, com isso, aprende. Durante esse período, os pais passam por uma regressão inconsciente temporária, na qual também imitam o que o bebê faz. Essa regressão é primordial para que as relações objetais se estabeleçam. No início da identificação gestual, os bebês espelham os gestos dos adultos, em jogos de imitação

¹ Não foi encontrada nenhuma referência a essa expressão nos trabalhos da autora. É possível que ela tenha sido transmitida a Spitz numa comunicação pessoal.

que se desenvolvem até que se consiga imitar os gestos sozinho, a partir da memória. Isso significa que houve uma consolidação da aprendizagem e uma conseqüente alteração no ego (Spitz, 1957/1998).

3.1 O Andar Ereto e a Fala

Entre os 9 meses e os 12 meses de idade, observa-se uma modificação no comportamento do bebê. Antes, para explorar seus entornos, ele necessitava que a mãe o carregasse ou, se já pudesse engatinhar, que alguém o retirasse do berço. No entanto, com o desenvolvimento da capacidade de equilíbrio sobre dois pés, um novo mundo se abre à sua exploração. Ocorre então um aceleração das atividades do bebê e, conseqüentemente, a passagem progressiva da passividade para a atividade (Spitz, 1965). A mãe, que antes se comunicava com a criança e restringia sua movimentação principalmente através do contato físico, em interações, brincadeiras ou reprimendas, agora passa a intervir cada vez mais através da fala e de gestos (Spitz, 1958).

Assim, a comunicação, antes primariamente tátil, agora se torna predominantemente visual e *verbal*: “Até aqui, a expressão de seus afetos na situação das relações objetivas limitava-se ao contato imediato, à ação. Com a aquisição do gesto da negação, a ação é substituída pelas mensagens e inaugura-se a comunicação à distância” (Spitz, 1965/2004, pp. 193-194). Essa troca ocorre incessantemente, já que o bebê, ao explorar o ambiente movido por sua curiosidade, mas ainda sem a experiência necessária, se coloca em situações perigosas. Com isso, as intervenções da mãe se multiplicam, pois é constantemente necessário chamar a atenção e reprimir o bebê (Spitz, 1957/1998).

As conseqüências da locomoção ereta são muitas, alterando, por exemplo, o clima emocional na díade mãe-bebê. Isso porque, antes da locomoção independente, a mãe interagia com o bebê de maneira pacífica, com palavras de carinho, tanto nas brincadeiras quanto nos momentos de satisfação de necessidades. Agora, tornam-se frequentes alertas, ordens e proibições. Dentre essas, a mais frequente é o meneio de cabeça negativo acompanhado ou não da palavra “não” (Spitz, 1965).

Evidentemente, o bebê não entende o sentido da palavra “não” nas primeiras vezes em que ela é proferida. A palavra é, ainda, somente um epifenômeno do gesto de negação, entendido como proibição (Spitz, 1965). Nesse ponto, a percepção diacrítica, aquela que discrimina e identifica os estímulos que chegam ao indivíduo de maneira precisa, ainda não se desenvolveu tanto quanto outras formas de percepção. A primeira modalidade a se desenvolver

é a tátil (Spitz, 1955), seguida da modalidade visual (Polak et al., 1964) e só num terceiro momento os perceptos auditivos são diferenciados (Spitz, 1958).

Quando a criança passa a entender e utilizar corretamente o não verbal ou o gesto de negação, temos o primeiro sinal semântico que tem um significado próprio e que concorda com a palavra que o nomeia. Anteriormente, a criança utilizava apenas as palavras ditas “globais”: mama, papa, nenê etc. Essas palavras não têm apenas significado denotativo, nomeando objetos, mas servem também para comunicar muitas outras coisas, tais como necessidade de afeto, desconforto, chamar atenção para algo, entre inúmeras outras possibilidades.

O não é também o primeiro conceito abstrato aprendido pela criança. Isso porque ele não possui um correlato objetivo no mundo externo. Ele tem antes um sentido de recusa e representa o posicionamento da criança diante de certa situação. Uma tomada de posição pressupõe que haja um julgamento² (Spitz, 1957/1998). A criança só utiliza o meneio de cabeça, nesta idade, quando quer recusar algo. Trata-se, portanto, de uma comunicação específica e direcionada.

3.2 O Domínio do “Não”

Ainda que a locomoção ereta explique a passagem da passividade para a atividade e a proliferação de “nãos” por parte da mãe, ainda não esclarece como a criança passa a entender e usar corretamente o não. Spitz considera três hipóteses diferentes para explicar o processo de aquisição do não.

A primeira hipótese é a acumulação dos traços de memória. De acordo com essa hipótese, Spitz (1965) supõe que o “não” seja repetido tantas vezes que se fixa na mente da criança, e ela passa a entendê-lo pelo contexto. Contudo, ele descarta essa hipótese como muito simples e mecanicista.

Em seguida, ele considera o “Efeito Zeigarnik”, emprestado da Psicologia da Gestalt, que afirma que tarefas inacabadas são lembradas com mais intensidade e que tarefas concluídas são esquecidas (Zeigarnik, 1927). Esse fenômeno se encaixa nessa situação, pois, quando a mãe diz “não” para o bebê, ela interrompe a ação que estava em andamento, reforçando assim a memória dos estímulos visuais e auditivos da negação. Para Spitz (1965), essa conjectura explicaria a compreensão do não, mas não o uso correto do termo.

² O julgamento é a capacidade de afirmar ou negar a existência de uma imagem na realidade ou que uma determinada coisa possua uma característica específica (Rank, 1959).

O autor busca, então, uma explicação em termos psicanalíticos e formula essa explicação da seguinte maneira: o “não” sempre causa frustração nas pulsões instintuais que são impedidas por ele de chegar a seus objetivos finais. A catexia ou carga afetiva de frustração causada pelo “não” é, então, investida nas memórias do gesto-Não, facilitando o processo de rememoração (Spitz, 1965). Nessas situações, surge no bebê uma agressividade que provém do id (Spitz, 1958).

A proibição força a criança a um estado de passividade, quando ela acaba de passar para a atividade, o que não acontecerá sem resistência (Freud, 1952, 1920/1955). A frustração de seus objetivos e a passividade forçada criam na criança um impulso agressivo direcionado à mãe, que é, ao mesmo tempo, a quem suas pulsões libidinais são endereçadas, ou seja, seu objeto de amor. O conflito gerado por esse embate mobilizará uma forma primitiva de *identificação com o agressor*, ao qual Spitz denomina *identificação com o frustrador* (Spitz, 1965, 1957/1998).

A identificação com o agressor é um mecanismo de defesa descrito por Anna Freud, em seu trabalho *O Ego e os Mecanismos de Defesa* (Freud, 1937). No processo de identificação com o agressor, a criança mais velha, por volta de seus 3 anos de idade, quando se sente agredida, incorpora as características do agressor e as utiliza como defesa para expressar a agressividade que a situação suscita nela, mas que não pode levar a cabo. Essa defesa traz certa segurança, pois, ao se colocar na posição do agressor, ela consegue sair do papel de vítima. Da mesma forma, as críticas que os adultos fazem à criança e a outras pessoas também são incorporadas, mas não se convertem, de imediato, em autocrítica. A culpa que a criança sente é, assim, projetada no mundo exterior, que passa a ser atacado. O desenvolvimento desse mecanismo é considerado uma fase preliminar do desenvolvimento do superego (Freud, 1937).

As ordens, repreensões e proibições direcionadas ao bebê não são entendidas em seu sentido pleno aos 15 meses de idade. O bebê não se identifica com o pensamento da mãe, mas só compreende o afeto que o “não” carrega. Tal afeto é indiferenciado, pois, nessa idade, o bebê só vivencia os afetos como sendo contra ou a favor de si mesmo (Spitz, 1958).

Ele [o bebê de 15 meses] não internaliza a crítica, ele internaliza a proibição e o afeto global “contra”. Ele não externaliza uma ofensa, pelo menos não uma [ofensa] específica. Pode-se dizer que ele externaliza a ofensa global de estar “contra”. (Spitz, 1958, p. 399)

Quando ocorre a identificação com o frustrador, o não é utilizado pelo bebê, seja falado ou gesticulado, acompanhado do afeto “contra” (Spitz, 1965). A identificação, de fato, existe

desde muito antes da comunicação se estabelecer como terceiro organizador da psique. Existe no bebê um desejo de identificação com aquele que dele cuida que se expressa desde que começam os jogos de imitação, quando o bebê reproduz todas as ações da mãe, dos 6 aos 8 meses de idade.

Esse mecanismo identificatório não é usado somente nesse jogo de imitação com as pessoas próximas, que contribui para estabelecer relações de objeto. O bebê também o utiliza para dominar outras coisas que venham de seus cuidadores e que possam ser úteis para seu desenvolvimento, como comportamentos, gestos, atitudes etc. (Palombo et al., 2009). A identificação é, acima de tudo, um modo de obter controle sobre aquilo que se sofre passivamente, quando a criança repete as situações se colocando num papel ativo. A partir desse movimento de passividade para atividade na criança, a identificação posterior com o frustrador é possível. (Spitz, 1958).

O processo de trocas de mensagens intencionais e dirigidas é, para Spitz (1965), assim como para outros teóricos da comunicação (Bühler, 1934/2011), o início da humanização da espécie, o pré-requisito para a sociabilidade. O “não” como primeiro símbolo semântico abre caminho para a aquisição de outros símbolos e assinala o início da comunicação verbal.

O papel da catexia agressiva na aquisição da negação é primordial, pois é ela que possibilita que se destaquem partes do todo percebido, as quais, depois, serão sintetizadas pelo ego, criando então um símbolo ou conceito. Trata-se, numa palavra, do processo de abstração. Spitz (1957/1998) relaciona esse processo à *lei da dissociação pela variação dos concomitantes*, de William James: “O que é associado ora com uma coisa, ora com outra, tende a se tornar dissociado de ambas e a se transformar num objeto de contemplação abstrata pela mente” (James, 1890/1983, p. 478).

Figura 1.

*Passo-a-Passo da
Capacidade de*

Consolidação de traços de memória a partir de
experiências afetivamente carregadas



Identificação com o adulto que proíbe



Aumento da autonomia,
recusa espontânea
utilizando o gesto-Não



Reintegração de
processos de
pensamento



Capacidade de
abstração

*Aquisição da
Negação.*

3.3 Origens Filogenéticas e Ontogenéticas do Meneio de Cabeça Negativo

O argumento de Spitz acerca da aquisição do meneio de cabeça negativo a partir de um processo identificatório do bebê com o objeto de amor foi discutido acima. Agora, outra faceta do processo precisa ser considerada: o motivo do movimento de meneio da cabeça ser selecionado para representar a negação. Spitz procura explicar a formação desse meneio a partir de um ponto de vista genético.

Ao se questionar sobre a extensa difusão cultural do meneio de cabeça como expressão da negação, Spitz chega à conclusão de que a origem dessa resposta motora deve remontar à filogênese. “O comportamento derivado da experiência muito arcaica e primitiva tende a se tornar generalizado na espécie, pois é compartilhado por todos os seus membros.” (Spitz, 1965/2004, p. 195). Ele encontra um comportamento parecido no reflexo de *fuçamento*³. Na criança, quando se estimula o que o autor chama de “focinho” (*snout*) – o conjunto formado pela boca, queixo, nariz e bochechas –, a boca é direcionada para a origem do estímulo. O autor salienta que esse comportamento está presente desde os 3 meses de gestação (Minkowski, 1922) e também, de modo semelhante, em animais recém-nascidos: gatos (Prechtl & Schleidt, 1950), bezerras, cabritos e cordeiros (Linn, 1955). Trata-se de um reflexo ligado à alimentação que, no bebê, se diferencia gradualmente, à medida que os órgãos perceptivos e efetores se desenvolvem, perdendo assim seu automatismo e se adaptando para atingir o alvo com maior facilidade e precisão (Spitz, 1965).

No fuçamento, o bebê vira sua cabeça de um lado para o outro de maneira automática até que encontre e sinta o mamilo, desencadeando-se, então, o reflexo de sucção que permite a amamentação. Este é um comportamento inato e fisiológico que tem sentido afirmativo, antecipador, de botar para dentro. Ele cessa à medida que a criança progride em orientação visual e coordenação muscular (Spitz, 1957/1998). O padrão motor de movimentação horizontal da cabeça retorna no sexto mês de vida, durante a situação de alimentação, quando

³ Termo cunhado por Spitz, tradução do inglês *rooting*.

o bebê se vira para evitar o mamilo quando está satisfeito. Nessa situação, o comportamento tem um significado de esquiva (Spitz, 1965).

A hipótese inicial do autor era que o movimento de cabeça horizontal em sentido afirmativo expresso pelo fuçamento desaparecia à medida que a efetividade do abocanhar o seio aumentava. Esse movimento só retornaria meses mais tarde, já com um sentido negativo, mais diferenciado. Segundo essa descrição, ele guardaria semelhança com outros padrões motores inatos, como o reflexo de preensão, que, num primeiro momento, se apresenta de maneira difusa e automática. Ele desapareceria depois, à medida que o bebê ganha maior controle de seus movimentos e retorna já completamente subjugado à vontade do sujeito (Spitz, 1957/1998).

No entanto, essa hipótese não se confirmou. Outra modalidade de movimento foi encontrada posteriormente. No período de vida que se inicia aos 3 meses de idade, o bebê lactente passa a recusar o seio com movimentos horizontais da cabeça quando já está satisfeito. Aqui, dois processos podem ser reconhecidos: a *mudança de função*⁴, à medida que o comportamento de fuçamento, de sondagem, se torna um comportamento de recusa, e a *mudança de sentido*, uma vez que tomar o seio para si, um comportamento afirmativo, se torna afastar o seio, um comportamento de recusa voluntária com sentido negativo (Spitz, 1965). Até então, o bebê saciado simplesmente cessava os movimentos de sucção e se desvencilhava do seio naturalmente, caindo no sono logo em seguida. Agora, ele decide: quero ou não quero mais isso. Segundo Spitz, não é mera coincidência que esse padrão emergja ao mesmo tempo em que se estabelece o primeiro organizador da psique, a resposta sorriso. A capacidade de discriminação que surge nesse momento (Polak et al., 1964b) está intimamente conectada com a possibilidade de expressar a recusa (Spitz, 1957/1998).

No período de 6 a 12 meses, que compreende a ansiedade dos oito meses manifesta quando um estranho se apresenta à criança, entre suas reações de desprazer há tentativas de *excluir o estímulo do campo perceptivo* (Spitz, 1957/1998). A criança pode se esconder atrás de outra pessoa, cobrir os olhos, colocar a cabeça no travesseiro, puxar o lençol para frente do rosto etc. É uma negação *em ato*, um processo defensivo: “Trata-se de uma tentativa de evitar

⁴ “Um conceito explanatório derivado da teoria político-social do século XIX, de um lado, e da biologia, de outro. Em ambos os casos, trata-se de um conceito evolucionário com implicações dinâmicas. Ele coloca a combinação da continuidade genética com a relativa independência funcional, no caso das instituições sociais. Foi introduzido no pensamento psicanalítico por Hartmann [...] Este o considera inerente ao ponto de vista estrutural. *O comportamento que se origina em um setor da personalidade será empregado no curso do desenvolvimento em um outro setor com uma função diferente.* Hartmann refere-se a isso como autonomia secundária e a define nos mesmos termos que os sociólogos, ou seja, como uma relativa independência funcional, a despeito da continuidade genética.” (Spitz, 1957/1998, nota de rodapé 2, cap. 6, p. 40)

a tarefa de testar a realidade numa situação em que essa tarefa é dolorosa” (Spitz, 1957/1998, p. 51). Já o meneio de cabeça do “não” expressa uma negação; é uma recusa intencional, comunicada a alguém, uma ação regida pelo princípio de realidade (Spitz 1965).

A sequência genética que conduz ao meneio de cabeça “Não” aparece, assim, como consistindo de 3 estágios: (1) fuçamento, um padrão motor de seleção filogeneticamente estabelecido, aparecendo ao nível de não-diferenciação; (2) comportamento de evitação devido à saciedade, uma recusa consciente, aparecendo no início das relações de objeto recíprocas elementares; (3) meneio de cabeça “Não”, um gesto semântico, no nível das relações de objeto em que a comunicação semântica, com a ajuda de símbolos verbais, se inicia por meio da aquisição do símbolo de negação. (Spitz, 1957/1998, p. 91)

Tabela 1.

Estágios de Diferenciação do Padrão Motor de Movimento Horizontal da Cabeça.

Idade	Comportamento	Sentido	Princípio Regente
0 – 6 meses	Fuçamento, Reflexo de Orientação	Afirmação, Antecipação	Princípio do Nirvava
3 – 6 meses	Balançar de Cabeça Devido à Saciedade	Recusa	Princípio do Prazer
6 – 12 meses	Virar a Cabeça em Esquiva	Recusa	Princípio do Prazer
12 ≈ 15 meses	Meneio de Cabeça Negativo	Negação	Princípio de Realidade

Segundo Spitz (1957/1998), o movimento horizontal de cabeça para recusar o seio continua a ser utilizado para recusar outros alimentos após o desmame. Dessa forma, mesmo depois que é feita a introdução de alimentos sólidos, a criança emprega o mesmo movimento da cabeça de um lado para o outro quando está satisfeita. Como este movimento é eficaz para comunicar a saciedade à mãe, este padrão motor é mantido.

O padrão motor de fuçamento, que surge para iniciar a alimentação, é assim o mesmo utilizado para encerrar essa mesma atividade. Spitz (1957/1998) aponta a semelhança dessa tendência com aquela exposta por Freud (1910/2013) em “Sobre o Sentido Antitético das Palavras Primitivas”, quando ele propõe que as palavras primitivas guardem,

concomitantemente, dois sentidos: o original e seu oposto. A única particularidade é que o menear de cabeça possui primeiramente um sentido positivo e apenas posteriormente adquire o negativo.

O gesto ou palavra “não”, quando surge no comportamento da criança, não tem sentido negativo unívoco. Ele é utilizado mesmo quando a criança não tem a intenção de recusar algo, mas sim de tomá-lo para si. Este período é chamado pelo autor de não-diferenciação do comportamento, que culminará na separação e diferenciação entre “sim” e “não”. Há, segundo Spitz (1957/1998), uma predisposição genética para desenvolver o “não”, separada dos processos de identificação já mencionados.

A capacidade de negar ou recusar algo, usando gestos ou palavras, indica que ocorreu um processo de julgamento, no sentido de que as opções foram consideradas e uma decisão foi tomada. Essa capacidade indica também a expressão do primeiro *conceito abstrato* (Spitz, 1957/1998). As palavras adquiridas após o “não” deixam de ser globais. Formadas a partir de abstrações, têm função descritiva, tornando-se, então, símbolos verbais.

O conceito de “Não” não existe no inconsciente. O negativo é uma criação do ego, e é colocado a serviço da função de julgamento do ego. Sua emergência, portanto, está ligada ao estabelecimento das primeiras funções do ego, a saber, a discriminação consciente, e ao início do processo secundário. (Spitz, 1957/1998, p. 97)

Assim, vemos que a emergência do “não” na criança depende de certos pré-requisitos referentes ao estabelecimento das primeiras funções do ego. Para Spitz, tais funções são estabelecidas a partir das relações de objeto do bebê em interação com seu desenvolvimento corporal, como veremos a seguir.

3.4 Da Situação Anaclítica para a Comunicação

O fuçamento é uma expressão do princípio do Nirvana, de inércia ou do tudo-ou-nada (Spitz, 1957/1998). O princípio de inércia foi descrito pela primeira vez por Freud em 1895, no *Projeto de uma Psicologia*. Segundo esse princípio, toda a tensão que se acumula no organismo precisa ser imediatamente descarregada, para que ele retorne a seu estado original de equilíbrio (Gabbi Jr, 2003). Só a partir do momento em que é possível suspender a descarga compulsória para se buscar uma via mais eficaz de escoamento da tensão é possível que a comunicação ocorra. Em suas elaborações, Spitz denomina esse processo de *contorno* (*detour*):

Sob a forma de princípio de realidade, a função de contorno interrompe a ação com o resultado final de uma realização mais eficaz do objetivo do instinto [...] A

comunicação, particularmente a de tipo aloccêntrico, também exige a suspensão da ação. (Spitz, 1957/1998, p. 24)

Os outros movimentos presentes no momento da amamentação, apesar de serem tomados como sinais pela mãe e fazerem parte da comunicação dentro da díade – sendo então um elemento essencial no desenvolvimento das relações de objeto – estão relacionados à gratificação imediata e, desta maneira, não servem à comunicação intencional e descritiva (Spitz, 1957/1998). As relações de objeto estão, assim, relacionadas com a consumação imediata, ao passo que os comportamentos de contorno abrem caminho para que a consumação possa ocorrer:

Por volta do décimo oitavo mês, o movimento cefalogírico – originalmente uma *reação* à estimulação tátil – transforma-se em uma *ação* intencionalmente determinada, expressando um processo de pensamento. Ao mesmo tempo, esse movimento, que foi fisiologicamente um *comportamento* pré-formado de “impulso para”, torna-se um *símbolo* gestual de “impulso para longe de”. Nessa metamorfose, um padrão puramente motor torna-se investido de significado semântico. (Spitz, 1957/1998, p. 63)

Os movimentos relacionados à amamentação, com exceção do fuçamento, têm a função de gratificação imediata e, assim, não podem se transformar em gestos semânticos num primeiro momento. Porém, realizado o desmame e iniciada a comunicação recíproca propriamente dita, por meio dos processos de identificação e abstração no bebê, eles se tornam também sinais semânticos amplamente difundidos (Spitz, 1957/1998). Spitz discute a proposição de psicanalistas como Sabina Spielrein (1922), segundo a qual o desenvolvimento da fala e da comunicação verbal são consequências diretas da situação anaclítica ou de amamentação (Symonds, 1960). Segundo a autora, a criança reativa os movimentos e sensações presentes na alimentação quando fala. Para Spitz, é indiscutível que as bases da comunicação verbal estejam assentadas sobre a situação primária de alimentação ou amamentação:

O principal instrumento da comunicação semântica humana se desenvolve em íntima conexão anaclítica com a oralidade; as experiências orais propiciam as estruturas primárias da fala; *sem a experiência oral da primeira infância é muito questionável, de fato, se o homem teria fala, no sentido que conhecemos hoje.* (Spitz, 1957/1998, p. 65, grifos nossos)

Em 1956, os médicos psiquiatras e psicanalistas George Engel e Franz Reichsman apresentaram o *Caso Monica*, descrevendo a progressão de um bebê sob seus cuidados que havia nascido com um problema no esôfago, que o impedia de se alimentar normalmente pela

boca. Os médicos realizaram uma fístula em seu estômago, a partir da qual o alimento era diretamente inserido. Spitz teve conhecimento do caso durante seu andamento e entrou em contato com os psiquiatras para que pudesse observar a paciente, o que lhe foi permitido. A partir das interações que teve com o bebê e a sondagem que fez com a equipe que dele cuidava, Spitz notou uma peculiaridade: Monica, já com seus 2 anos de idade, não utilizava o meneio de cabeça em negativa para expressar recusa. Na verdade, não parecia ter atingido o grau da comunicação semântica. O autor relata que, ao tentar se aproximar da criança, sendo uma pessoa estranha, ela reagia com desprazer e fazia um movimento de afastar com a mão em direção ao observador. Esse movimento era o mesmo empregado por Monica em relação ao funil que era utilizado para alimentá-la pela fístula: ela o afastava com a mão quando estava satisfeita (Spitz, 1957/1998).

Passado certo tempo, o bebê passou por uma cirurgia que lhe possibilitou iniciar a alimentação por via oral. Pouco tempo depois, Monica passou a utilizar o meneio de cabeça em negativa para expressar recusa. A hipótese de Spitz é que, o fuçamento, sendo um IRM (*Innate Releasing Mechanism*, Mecanismo Inato de Liberação), está disponível até certo período da vida, desde que lhe seja fornecido o estímulo certo. O reflexo só apareceu em Monica depois da cirurgia, uma vez que sua alimentação só se dava pela fístula, sem estimulação oral. No momento em que o padrão motor do fuçamento é ativado, ele pode passar pela mudança de função que lhe confere o sentido negativo e ser posteriormente usado para expressar a negação (Spitz, 1957/1998).

No entanto, Freedman (1959) observa que utilizar o Caso Monica para ilustrar a teoria do desenvolvimento da capacidade de negação foi um argumento problemático por parte de Spitz. O autor considera que o caso não pode ser considerado como evidência suficiente para sustentar os argumentos apresentados dentro de um paradigma de desenvolvimento normal, uma vez que a criança não só apresentava uma condição médica, mas também era emocionalmente privada, a relação com os pais era conflituosa e a garota sofria de um atraso mental, já que seu score no teste de Gesell apontou uma idade de 9 a 15 meses, quando ela tinha 22 meses.

Frente a tais colocações, consideremos os seguintes pontos:

1) Spitz deixa claro em *O Primeiro Ano de Vida* (2004/1965, p. 3) que todas as elaborações apresentadas acerca das relações de objeto (que abrangem toda a vida da criança, já que o autor parte do pressuposto de que tais relações estruturam todo o desenvolvimento) se baseiam em observações diretas e experimentos com bebês e crianças.

2) O autor (1957/1998) diz utilizar o caso Monica como *argumentum e contrario* para confirmar suas suposições quanto ao surgimento dos movimentos cefalogíricos negativos em crianças com hospitalismo. As crianças estudadas pelo autor estavam tanto em grupos controle, que tinham “desenvolvimento normal” e relações afetivas adequadas com os pais, quanto em grupos experimentais, que continham crianças emocionalmente privadas e com escores ruins em testes de desenvolvimento.

Assim, a única diferença do Caso Monica, citado por Freedman (1959), que o separa dessa amostra, seria sua condição médica. Nesse caso, poderíamos resgatar o conceito de desenvolvimento dependente, que Spitz introduz em “O Não e o Sim”.

O *desenvolvimento dependente* é um conceito introduzido por Spitz (1959/1979) a partir da embriologia. Esse conceito estabelece que o desenvolvimento de um organizador psíquico depende de diversas variáveis, entre as quais está o estabelecimento do organizador psíquico anterior. Sem tais condições, o desenvolvimento do próximo organizador será impossível ou perturbado. No entanto, há uma janela de tempo na qual é possível retornar ao caminho de desenvolvimento normal após um desvio causado por uma perturbação. Esse processo parece se encaixar bem no Caso Monica, em que a negação a partir do afastamento do funil foi uma adaptação, um desvio frente a uma perturbação (a impossibilidade da alimentação oral) que, uma vez desfeita através da cirurgia, possibilitou que o desenvolvimento seguisse seu curso normal.

Pode-se ainda questionar se Monica começou a fazer o “não” meneando a cabeça depois de sua cirurgia por algum outro motivo, que não a mudança de função do movimento de balançar a cabeça de um lado pro outro quando se está satisfeito na amamentação. Decidir sobre esse ponto iria requerer o delineamento de um experimento impossível de realizar, por razões éticas. Seria preciso tomar duas ou mais crianças, na mesma condição de Monica, que voltassem a se alimentar, uma por amamentação, e outra(s) por outros métodos, para posteriormente observar o padrão utilizado para negação a partir daí.

3.5 A Aquisição do “Sim”

Uma vez que a aquisição do gesto ou palavra “Sim” ocorre em bebês quase ao mesmo tempo ou pouco depois da aquisição do gesto ou palavra “Não”, Spitz (1957/1998) se propõe a investigar as origens da aquisição da capacidade de assentir e discute se esta tem uma origem filogenética e ontogenética semelhante à do “Não”. Ele começa por se perguntar se é possível encontrar um movimento parecido com o de assentir no comportamento de recém-nascidos.

A origem dos movimentos cefalogíricos característicos na negação é o reflexo de orientação ou fuçamento, quando a amamentação tem início. Spitz, então, busca um movimento parecido com o de assentir no repertório de movimentos presentes na amamentação de recém-nascidos. Ele começa por analisar o material em filme que já possuía, mostrando bebês sendo amamentados. Contudo, não descobre nenhum movimento equivalente em bebês nos seus primeiros dias de vida e constata, ao mesmo tempo, que, nessa idade, a musculatura do pescoço não se desenvolveu ainda o suficiente para que o sujeito possa sustentar a própria cabeça e movê-la verticalmente (Palombo et al., 2009). Em sua análise, aborda os filmes que registram um experimento de Margaret Fries (1937) para testar os padrões de atividade e de reação à frustração dos recém-nascidos, ao qual se submetiam todos os bebês observados. O experimento consistia em colocar o bebê para mamar com a mãe ou ama e, após 60 segundos, retirar o seio. A reação do bebê era observada por mais 60 segundos e, depois, permitia-se que ele voltasse a mamar. Um dos bebês observados, na época com pouco mais de 3 meses, tentava se reaproximar utilizando movimentos de assentir, quando o seio lhe era retirado.

Pouco tempo depois, Spitz (1957/1998) identifica uma fase precursora na qual este padrão motor aparece. Esses movimentos podem ser observados em bebês desde o nascimento durante a amamentação. Quando o bebê realiza um movimento de sucção, sua cabeça do bebê se projeta para a frente e, quando o movimento cessa, a cabeça é lançada para trás. Quando já consegue sustentar sua cabeça, o bebê faz os mesmos movimentos que o auxiliaram durante a amamentação ao perder o seio. Esse padrão primitivo de movimentação não é inato, mas surge a partir de um processo mecânico. Não remonta à filogênese, mas aparece na história individual do sujeito. Só depois ele será aproveitado e um sentido psicológico lhe será atribuído, a saber, o de afirmação.

Spitz (1957/1998) encontra em bezerros um movimento similar ao do assentir humano. Quando o estímulo liberador – um objeto grande em movimento – é detectado pelo animal, ele se movimenta em direção a ele e pressiona a cabeça contra o úbere materno. Esse comportamento é considerado proveniente da *história evolutiva*, não possuindo uma origem ontogenética, uma vez que o bezerro é um animal do tipo precocial⁵, enquanto o ser humano é altricial⁶, de modo que não podem ser diretamente comparados (Spitz, 1957/1998). Sendo precocial, o bezerro sustenta sua cabeça desde o nascimento; na verdade, já nasce com a

⁵ Precocial: (zool.) Animais que já nascem com a capacidade de se locomoverem sozinhos, por adaptação filogênica.

⁶ Altricial: (zool.) Animais que depois do nascimento precisam de cuidados por um período de tempo para sobreviverem e passam por uma adaptação ontogênica.

capacidade de locomoção autônoma e tem uma visão mais ou menos desenvolvida, podendo separar o percepto eliciador do IRM dos demais. Os animais altriciais, como os humanos, só desenvolvem essas capacidades (a musculatura do pescoço, a acuidade visual e a movimentação) meses mais tarde. O bebê humano precisa ver e alcançar o objeto desejado para se movimentar até ele (Palombo et al., 2009). A resposta sorriso, presente a partir dos 3 meses de vida, é um indício do desenvolvimento dessa acuidade visual, que torna possível a discriminação de imagens (Spitz, 1965). Para Spitz (1957/1998), tampouco é coincidência que os bebês comecem a conseguir sustentar a própria cabeça sozinhos por volta dessa idade.

Similarmente à negação, a afirmação não está presente desde o início da vida psíquica do bebê como *conteúdo ideacional*. Mas, ao contrário da negação, o *sentido* da afirmação está presente desde o início da vida e ligado mais diretamente às pulsões: “Na teoria psicanalítica, a afirmação implica uma conotação peculiar. A afirmação é o atributo essencial do instinto” (Spitz, 1957/1998, p. 103). A pulsão como apelo não exige conteúdo ideacional. Os comportamentos relacionados à descarga de tensão, por exemplo, têm um caráter fortemente afirmativo.

O movimento de assentir passa, de maneira similar ao de negação, por uma alteração de função, que lhe permite adquirir a função de comunicação, pois, no início, possui um sentido de consumação ou gratificação imediata e, como já mencionado, serve às relações de objeto. Quando, aos três meses, o bebê percebe o seio fora ou distante de si e faz movimentos para que ele retorne, esses movimentos adquiriram uma função de contorno, com sentido de aproximação e, conseqüentemente, se tornaram adequados à comunicação.

Tanto o primeiro organizador (a resposta sorriso) quanto o segundo (a ansiedade dos oito meses) operam no nível do processo primário. São comportamentos que descarregam tensões e servem à satisfação de forma imediata. O terceiro organizador (a comunicação intencional e dirigida) tem uma função de contorno. Em vez de descarregar imediatamente uma tensão por meio de um comportamento presente em seu repertório, as crianças são agora capazes de adiar a satisfação para que ela seja mais efetiva e, assim, passam a operar no nível do processo secundário (Spitz, 1965).

A aquisição do “Sim” e do “Não” é, dessa forma, indicativa do estabelecimento de um novo modo de funcionamento psíquico nas crianças. Anteriormente, estas se encontravam num estado de não-diferenciação, onde “Não” e “Sim” eram indissociáveis. Melhor dizendo, o “Não” ainda não existia, pois não está presente no inconsciente (Spitz, 1957/1998), e o “Sim” não havia ainda se formado a partir do assentir, do “trazer para si” característico da pulsão (Palombo et al., 2009). Diz Spitz:

A diferenciação dessas manifestações, como de todos os outros aspectos da personalidade da criança, deve ocorrer antes mesmo de o primeiro estágio da comunicação pré-semântica dirigida aparecer. Mas a diferenciação é um processo progressivo que se desdobra no quadro das relações de objeto. Cada um dos sucessivos passos desse processo é marcado pela criação de um novo corpo de padrões de comportamento visando à comunicação. Um após o outro, esses padrões vão sendo abandonados porque não mais se adequam à expressão da complexidade cada vez maior daquilo que a criança deseja comunicar. Além de criar novos padrões de comportamento, como vocalização etc., a criança também tem o recurso àqueles já abandonados. Entre estes, o meneio e o balanço de cabeça são particularmente úteis, por causa de sua derivação do comportamento de original aproximação da consumação da gratificação de necessidade. Eles acabarão por se tornar os representantes da recusa e do assentimento e, ao mesmo tempo, os primeiros indicadores dos processos ideacionais abstratos. (Spitz, 1957/1998, p. 143)

É marcante, então, a importância da evolução dos reflexos e padrões de comportamento infantis. Cada um desses padrões ou se transforma ou cessa para dar lugar a um padrão mais complexo e adaptado aos objetivos da criança em determinada fase do desenvolvimento. Além disso, aqueles padrões que são deixados de lado podem ser retomados e se tornar recursos importantes para outras capacidades no futuro, como acontece com o meneio de cabeça para o “não” e o balanço de cabeça para o “sim”.

4. Conclusão

Na introdução de seu livro acerca da origem da comunicação, *O Não e o Sim: A Gênese da Comunicação Humana*, publicado em 1957, Spitz explica seu interesse pelo tema: haveria uma carência de bibliografia psicanalítica sobre o assunto, mesmo tendo sido considerado por Freud (1910/2013) como a pedra angular para o entendimento da linguagem dos sonhos e de grande importância para a psicanálise como todo, dado que seu método é baseado exatamente na comunicação. Neste trabalho, então, ele se propõe a investigar o desenvolvimento da comunicação desde o nascimento até a aquisição dos primeiros símbolos verbais abstratos.

Nesse percurso, diversos temas são discutidos: a comunicação primitiva dentro da díade, a linguagem própria entre mãe e bebê, e como esse vínculo se forma através da maneira singular com que a cuidadora primária compreende o que o bebê expressa; os reflexos e padrões motores inatos e a resignificação destes pela psique, transformando-os em signos próprios para a comunicação; a reconstrução da história evolutiva de padrões motores inatos, o valor adaptativo de tais padrões motores inatos em animais próximos evolutivamente aos seres humanos; o papel dos afetos e pulsões na construção e constante refinamento da comunicação no sujeito; o desenvolvimento e maturação nos primeiros anos de vida e a importância desses

marcos para o surgimento da comunicação verbal, entre outros. Neste caminho, conceitos advindos de diversas áreas do conhecimento são agregados por Spitz, de modo a embasar e dar mais consistência às suas ideias.

Spitz (1957/1998) afirma que o estudo que desenvolveu acerca da comunicação apenas aprofunda temas que o próprio Freud já teria antes elucidado. Essa declaração responde à crítica de que o estudo não traria nenhuma novidade ao campo da comunicação. Seu trabalho também foi caracterizado como incompleto, por deixar de abordar tópicos essenciais, tais como significado, intercâmbio de sentimentos e blocos de comunicação, enfocando apenas as técnicas e as formas do ato comunicativo (Symonds, 1960). Dado que o autor tem como objetivo principal e declarado discutir o surgimento e as origens da comunicação, essas críticas parecem injustificadas. Como falar de significado para um ser (o bebê humano) que acaba de formular sua primeira abstração? Em que se basearia a troca de sentimentos para um autor que considera existirem apenas dois afetos básicos (a favor e contra) na faixa etária estudada? Quais são os blocos de comunicação possíveis com um repertório ainda no início de sua construção?

Ao mesmo tempo, porém, em que recebe essas críticas, o trabalho é considerado também como de grande influência no estudo psicanalítico da comunicação (Gondor, 1958; Rank, 1959) e foi a inspiração para a preparação do Volume 1 da coleção *Downstate Series of Research in Psychiatry and Psychology*, sob o título “Communicative Structures and Psychic Structures” (Freedman & Grand, 1976). O livro de Spitz foi considerado pelos autores como uma “monografia monumental” (p. 1), o primeiro trabalho sobre a visão psicanalítica da comunicação.

Parece justificado supor que, para Spitz, o desenvolvimento da comunicação verbal e o processo de aquisição da linguagem fossem inseparáveis e dependentes da maturação, do desenvolvimento e do domínio gradual do corpo infantil. A impossibilidade da restrição física pelo adulto a partir de certo momento faz com que este insira a criança no mundo da linguagem. O bebê a compreenderá cada vez mais à medida que amadureça física e psiquicamente e se identifique com o cuidador primário, investindo libidinalmente a imagem deste e imitando seus comportamentos. Isso, por sua vez, permitiria a expansão de seu repertório de ações e sua consequente adaptação à realidade e ao meio ambiente. Para o Spitz, a linguagem não é uma simples aquisição maturacional ou relacional, mas depende também da totalidade das experiências físicas e afetivas do indivíduo.

Os padrões motores que o bebê carrega consigo quando vem ao mundo, como parte de sua constituição, também são perceptíveis em outros mamíferos e alguns, como o meneio de cabeça negativo, estão estabelecidos filogeneticamente nas espécies altriciais. São esses os

movimentos que o desenvolvimento psicológico utiliza para formar os conceitos de “Não” e “Sim”, inicialmente manifestos sob a forma de gesto (Spitz, 1957/1998).

Esses padrões, utilizados para comunicar as mensagens consideradas primordiais para o autor (a negação e a afirmação), surgem num dos momentos mais importantes do desenvolvimento, em que as relações com o outro se dão no nível do corpo, a saber, a situação de alimentação. A partir dessa situação, em que os significados ainda se encontram em fase de não diferenciação, o psiquismo, em seu desenvolvimento constante, poderá se valer dos padrões motores existentes para investi-los com sentido e posteriormente separá-los e distingui-los:

A história do desenvolvimento do “Não” e do “Sim” [...] é um notável exemplo da importância básica do desenvolvimento psíquico para o destino subsequente dos padrões arcaicos de comportamento. Ao mesmo tempo, é a confirmação da hipótese de Freud (1910) sobre a origem do significado antitético das palavras primitivas. (Spitz, 1965/2004, p. 200)

Assim, podem-se considerar duas vias a partir das quais a linguagem surge, concomitantemente, na teoria de Spitz. Uma delas, consonante com as teorias de aquisição da linguagem mais comuns, é a da transmissão da linguagem através dos vínculos mantidos com os cuidadores: os jogos de imitação que se dão entre mãe e bebê, a compreensão cada vez mais afinada das necessidades do infante pela mãe, o desenvolvimento da expressão pelo sujeito, que se torna progressivamente mais precisa com o passar do tempo e, é claro, o ensino deliberado das palavras e gestos próprios da comunicação dirigida pelo cuidador.

A segunda via é a hipótese formulada por Spitz acerca do surgimento da linguagem na espécie humana. Esta teria se desenvolvido em conexão intrínseca com o corpo: os gestos, considerados como o tipo de linguagem mais primitivo e os primeiros a se desenvolverem, seriam dotados de significado a partir da função que desempenham na experiência do corpo ao lidar com o mundo externo. À medida que o sujeito se desenvolve, esses movimentos se diferenciam uns dos outros e se especializam. Eles se associam a situações específicas e passam a servir à comunicação. Esses movimentos incluem também os movimentos orais iniciados na amamentação, que são repetidos pelo bebê em outros momentos.

A integração entre a teoria do desenvolvimento e a aquisição da linguagem na obra de Spitz pode ser observada de claramente: a teoria do desenvolvimento do autor termina na aquisição da linguagem e no início da comunicação verbal. Em sua obra, não são encontrados estudos ou formulações acerca de outros marcadores que envolvam crianças mais velhas. Tudo funciona de modo a convergir para a aquisição da linguagem. Primeiro, na fase de não-

diferenciação, têm lugar os ciclos de diálogo não verbal que se estabelecem entre mãe e bebê. O primeiro indicador, a resposta sorriso, marca a distinção entre vivo e inanimado, e se expressa positivamente em relação ao que é percebido como vivo. Na ansiedade dos oito meses, indicador do segundo organizador da psique, dá-se a distinção entre conhecidos e desconhecidos, ou seja, em quem é estranho e em quem se pode confiar para satisfazer suas necessidades e proporcionar experiências de prazer e, conseqüentemente, estabelecer uma via de comunicação recíproca. O terceiro organizador da psique é o início da comunicação verbal, marcado pela capacidade de compreender e utilizar corretamente o “não”, que assinala o início do processo de formação de símbolos verbais e conceitos abstratos. Aqui, se distinguem as três funções da linguagem de acordo com Karl Bühler (1934/2011): expressão, apelo e representação.

A teoria da aquisição da linguagem de Spitz se distingue por sua originalidade desde sua metodologia na coleta de dados sobre a infância e o desenvolvimento, passando pela interpretação destes dados em termos psicanalíticos, empregando a inserção e ressignificação de elementos de outras áreas do conhecimento, até a indissociabilidade entre a aquisição da linguagem e o desenvolvimento físico e psíquico do sujeito. Uma vez que se têm observado diversas tendências antinaturalistas nas teorias psicanalíticas da linguagem, dissociando-as do desenvolvimento psicomotor e de processos observáveis e verificáveis, justifica-se o resgate da teoria de Spitz como uma importante visão alternativa e historicamente influente a seu tempo para o estudo da aquisição da linguagem e do desenvolvimento infantil como um todo.

Referências

- Goliath, M. V., & Simanke, R. T. (2022). Pluralismo metodológico e interdisciplinaridade nas pesquisas psicanalíticas de René Spitz: fundamentos e estratégias. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 39. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2022.36326>
- Goliath, M. V., & Simanke, R. T. (2023). *Corpo e ego na teoria do desenvolvimento infantil de René Spitz*. [Manuscrito submetido para publicação].
- Bühler, K. (1934). *Theory of language*. (D. F. Goodwin, Trad.). John Benjamins, 2011. Versão eletrônica.
- Freedman, A. (1959). No and yes: On the genesis of human communication. *AMA Journal of Diseases of Children*, 97(2), 250-250. <https://doi.org/10.1001/archpedi.1959.02070010252021>

- Freud, A. (1937). Identification with the aggressor. In S. Freud, *The ego and the mechanisms of defence*. (Cap. 9). London: Hogarth Press.
- Freud, A. (1952). The mutual influences in the development of ego and id. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 7(1), 42-50. <https://doi.org/10.1080/00797308.1952.11823151>
- Freud, S. (1910). Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In S. Freud, *As Obras completas (vol. 9 (1909-1910): Observações sobre um caso de neurose obsessiva (O homem dos ratos), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos)*. (P. C. Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Freud, S. (1920). *A general introduction to psychoanalysis* (G. Stanley Hall, Trans). New York: Horace Liveright. Versão eletrônica. <https://doi.org/10.1037/10667-000>
- Fries, M. E. (1937). Factors in character development, neuroses, psychoses and delinquency: A study of pregnancy, delivery, lying-in period and early childhood. *American Journal of Orthopsychiatry*, 7(2), 142-181. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1937.tb05274.x>
- Gabbi Jr., O. F. (2003). Plano geral. In O. F. Gabbi Jr., *Notas a Projeto de uma Psicologia: As origens utilitaristas da Psicanálise* (pp. 176-263). Rio de Janeiro: Imago.
- Gondor, L. (1958). "No and Yes." *American Journal of Psychotherapy*, 12(4), 834-835. <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.1958.12.4.834>
- Hartmann, H. (1968). *Psicologia do ego e o problema de adaptação*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular.
- James, W. (1890). *The principles of psychology*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.
- Linn, L. (1955). *A psychoanalytic contribution to comparative neuropsychiatry*. Midwinter Meeting Conference, American Psychoanalytic Association. Nova Iorque New York.
- Minkowski, M. (1922). Ueber frühzeitige Bewegungen, Reflexe und muskuläre Reaktionen beim menschlichen Fötus und ihre Beziehungen zum fötalen Nerven- und Muskelsystem. *Schweizerische Medizinische Wochenschrift*, 52, 721-724.
- Palombo, J., Bendicson, H. K., & Koch, B. J. (2009). *Guide to psychoanalytic developmental theories*. New York: Springer. Versão eletrônica.
- Prechtel, H., & Schleidt, W. M. (1950). Auslösende und steuernde Mechanismen des Saugaktes. *Zeitschrift für vergleichende Physiologie* 32, 257-262. <https://doi.org/10.1007/BF00344527>
- Polak, P. R., Emde, R. N., & Spitz, R. A. (1964). The smiling response: II. Visual discrimination and the onset of depth perception. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 139(5), 407-415. <https://doi.org/10.1097/00005053-196411000-00001>

- Rank, B. (1959). Review of No and yes: On the genesis of human communication. *American Journal of Orthopsychiatry*, 29(2), 425-426. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1959.tb00209.x>
- Spielrein, S. (1922). Die Entstehung der kindlichen Worte Papa und Mama: Einige Betrachtungen über verschiedene Stadien in der Sprachentwicklung. *Imago*, 8(3), 345-367.
- Spitz, R. A. (1950). Relevancy of direct infant observation. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 5(1), 66-73. <https://doi.org/10.1080/00797308.1950.11822885>
- Spitz, R. A. (1957). *O não e o sim: A gênese da comunicação humana*. (U. C. Arantes, Trad., 3a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Spitz, R. A. (1958). On the genesis of superego components. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 13(1), 375-404. <https://doi.org/10.1080/00797308.1958.11823188>
- Spitz, R. A. (1959). *A formação do ego: Uma teoria genética e de campo*. São Paulo: Martins Fontes Editora, Ltda, 1979.
- Spitz, R. A. (1963). Life and the dialogue. In R. N. Emde (Ed.), *René A. Spitz, Dialogues from infancy: Selected papers*. (pp. 147-160). Madison: International Universities Press, 1983.
- Spitz, R. A. (1965). *The first year of life: A psychoanalytic study of normal and deviant development of object relations*. Madison: International Universities Press. Versão eletrônica.
- Spitz, R. A. (1965). *O primeiro ano de vida*. (E. M. B. Rocha, Trad., 3a ed.). São Paulo: Martins Fontes, Ltda, 2004.
- Symonds, A. (1960). No and yes: On the genesis of human communication. Rene A. Spitz 1957. Pp. 170 International Universities Press, MD Inc., \$4. *American Journal of Psychoanalysis*, 20(1), 94-95.
- Zeigarnik, B. (1927). Das Behalten erledigter und unerledigter Handlungen [On finished and unfinished tasks]. *Psychologische Forschung*, 9, 1-85.